

## TRABALHANDO A TEMÁTICA DA CO-EDUCAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

**Gabriela Aragão Souza de Oliveira**

Docente da Universidade Gama Filho

Professora da Rede Estadual de Educação

e-mail: gabrielaaragao@yahoo.com.br

---

### Resumo

O objetivo deste ensaio é apresentar, de forma sucinta, minhas reflexões sobre a temática co-educação nas aulas de educação física escolar ministradas por mim no Centro Integrado de Educação Pública Roquete Pinto, escola da rede estadual de educação localizada no município de Queimados. Para tanto, desenvolvo o texto a partir de alguns exemplos do sexismo incorporado nas crianças ainda na fase escolar e proponho trabalharmos com os conteúdos da cultura corporal do movimento humano tendo como foco a participação simultânea de meninos e meninas em nossas aulas. O intuito é contribuir para uma maior visibilidade da temática co-educação nas aulas de Educação Física Escolar por parte dos alunos, professores, direção da instituição e dos leitores deste ensaio.

Palavras-chave: educação física escolar; co-educação e cultura corporal do movimento.

---

### Abstract

#### **Working the co-education theme in physical education classes**

The purpose of this paper is to show, in a brief manner, my reflections about the theme of the co-education based on school classes of Physical Education given by myself in the Integrated Center of Public Education Roquete Pinto, school of the state education network located at Queimados. For that, I develop this paper from some examples of sexism incorporated in the children even in school age and propose to work with the contents of the body culture of human movement with the aim of the participation of boys and girls in our classes. The purpose is to collaborate for a better visibility of the thematic of co- education in the School Physical Education classes for pupils, teachers, school managers and readers of this paper.

Keywords: School Physical Education; Co-education and Body Culture of Movement.

## **INTRODUÇÃO**

Minha proposta neste ensaio é refletir sobre a temática co-educação com foco na participação de meninos e meninas nas aulas de educação física escolar. Tal temática tem desencadeado discussões enriquecedoras com meus alunos durante o trabalho com os conteúdos da cultura corporal do movimento no Centro Integrado de Educação Pública Roquete Pinto, localizado no município de Queimados/RJ.

Na interação com alunos/as do ensino fundamental refletimos que eles/as, ao egressarem da escola, passam a reproduzir e perpetuar falsas crenças sobre o universo da prática corporal, por não possuírem conhecimentos necessários para se tornarem consumidores críticos da cultura corporal do movimento. Esta situação nos faz refletir sobre a atuação desta disciplina na escola e nos questionar se atingimos a visibilidade necessária enquanto componente curricular, aspecto a ser considerado pelos professores durante o processo de ensino, construído na interação cotidiana com os alunos, a direção da instituição e os demais professores, com vistas a desencadear mudanças neste cenário (Souza de Oliveira e Devede, 2001).

Neste contexto, valorizar e enriquecer o processo educacional são metas desafiadoras de professores conscientes do seu papel na educação e na sociedade, que de forma consciente ou não, têm recorrido a novas metodologias de ensino, capazes de proporcionar aos alunos um aprendizado significativo dos conteúdos, relacionando-os com sua realidade social. Sendo assim, a temática da co-educação vem me ajudando a dar significado aos conteúdos trabalhados na escola.

## **TRABALHANDO OS CONTEÚDOS DA CULTURA CORPORAL DO MOVIMENTO ATRAVÉS DE TEMÁTICAS**

Venho trabalhando em minhas aulas com a proposta de conteúdos do Coletivo de Autores (1992), a de que os jogos, a dança, os esportes, as ginásticas e as lutas são constituintes da cultura corporal do movimento. Articulando-se com esses conteúdos, algumas temáticas têm estado vinculadas no projeto político-pedagógico de minha prática com turmas do ensino fundamental entre elas a temática da co-educação nas aulas de Educação Física<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os temas que apresento neste ensaio não pretendem esgotar-se em si mesmos, pois em função da realidade dos alunos (idade, sexo, classe social, localidade da escola, realidade institucional etc.), pode-se trabalhar com outras temáticas.

Tais temáticas têm perpassado as discussões ocorridas por ocasião das aulas de educação física, enriquecendo o ensino dos conteúdos da disciplina e a minha tarefa de avaliação das aulas. Tornando os conteúdos mais próximos à realidade dos alunos, tenho tentado despertar o prazer pela prática física, a facilitação de sua aprendizagem e a sua adoção no estilo de vida dos alunos, transformando suas representações sociais acerca da educação física enquanto disciplina curricular, em direção a sua crescente valorização.

As temáticas que venho trabalhando são: a *Promoção da Saúde* (Faria Júnior, 1991); a *História* que para mim é um dos aspectos relevantes no trato de qualquer conteúdo da EF escolar; o *aspecto técnico* refere-se a como "fazer" a atividade; a *competição* que constitui temática relevante a ser problematizada na educação física escolar; a discussão sobre o *lazer no tempo livre* também é abordada durante as aulas; a influência da *mídia* na consolidação de representações sociais e crenças associadas à prática de atividade física tem sido outro aspecto abordado; os conhecimentos sobre o *corpo em movimento* e por fim, o tema da *co-educação*, foco deste ensaio<sup>2</sup>.

### **POR QUE TRABALHAR COM A TEMÁTICA CO-EDUCAÇÃO?**

Para refletirmos acerca do sexismo nas práticas corporais, como os rótulos atribuídos a determinadas atividades como sendo masculinas ou femininas.

Como por exemplo: Meninos são bagunceiros, gostam das aulas de Matemática e se dão melhor nos esportes. Meninas são organizadas, se destacam em Língua Portuguesa e Arte e têm mais disciplina. Quantas vezes você já não ouviu, disse ou pensou uma dessas frases? Várias, certo? Mas será que é isso mesmo? Esses conceitos, tão comuns em nosso cotidiano, expressam, na verdade, estereótipos sobre masculinidade e feminilidade. São heranças culturais transmitidas pela sociedade (família, amigos, professores). O que não quer dizer que seja a verdade absoluta. Ao contrário.

A natureza não determina que as moças devem lavar a louça e os rapazes, o carro. Nem que elas têm o direito de chorar em público — e eles não. E na escola? Só as garotinhas podem manter os cadernos arrumados, com a letra impecável? Idéias assim não passam de estereótipos. Tratá-las como verdades imutáveis, ainda mais num local onde jovens personalidades estão apenas começando a se formar, pode ser

um erro com uma conseqüência nefasta: a difusão de preconceitos. Ao reproduzir modelos, você pode, sem querer, estar podando habilidades, tolhendo talentos.

As diferenças entre os papéis atribuídos a homens e mulheres são estudadas há pelo menos 20 anos e conhecidas como relações de gênero ou gênero. Infelizmente, ainda são poucos os colegas que discutem o assunto na sala dos professores e em classe. Os problemas, muitas vezes, começam na dificuldade de perceber (e avaliar) a própria postura. Em casa, na nossa família, os modelos são apresentados como prontos.

Sim, muitos alunos continuarão chegando à sala de aula com idéias preestabelecidas, como o pai deve ser forte e a mãe, meiga e delicada. É aqui que nós entramos em cena. Trabalhar relações sociais é mostrar que as pessoas são diferentes, que as culturas são diferentes, que a realidade do campo e da cidade é diferente, que o mundo é diferente. O ideal é desenvolver atividades nas várias áreas, mas é possível trabalhar isoladamente, em cada disciplina.

Quando se fala em diferenciação entre sexos, isso não significa que os meninos estejam sempre em vantagem. Eles também são discriminados. Principalmente nas séries iniciais, em que letra bonita e caderno caprichado são sinônimos de bom aluno — ou, na opinião de muitos professores, de boa aluna. Em geral, essas características são mais comuns às meninas e os pequenos acabam rotulados de desorganizados. Se tentam caprichar no caderno, o julgamento pode até piorar. Tudo porque falta preparo para enfrentar situações que fogem aos modelos tradicionais.

O que fazer quando o garoto insiste em participar da roda delas, ou das aulas de dança ou quando ela não se encaixa no rótulo de bonequinha e quer mesmo é jogar futebol? Na verdade, todos devem ser livres para entrar no grupo preferido e jogar o que quiserem. O menino brincando de boneca? Pode, é claro. Menina que quer ser o pai na dramatização? Também pode. É bobagem imaginar que isso venha a determinar uma opção sexual no futuro. Na verdade, só estimula a compreensão de que papéis de gênero são mutáveis.

Guacira Lopes Louro (2001), diz que é preciso que essas situações sejam encaradas sem medo. Ela explica que a intolerância se manifesta de diferentes formas: na linguagem usada em sala, nas piadas e no deboche. O silêncio e a não-interferência do professor (a), porém, podem ser ainda piores. "Aceitar passivamente

---

<sup>2</sup> Para maior aprofundamento sobre a proposta de trabalho dos conteúdos da cultura corporal do movimento articulados através de temáticas ou temas transversais ou

que um garoto que se nega a entrar numa briga seja chamado de bicha é alimentar preconceitos", ensina. "Estamos agindo como se fosse natural que os homens resolvam divergências por meio da disputa física."

Perceber que essa diferenciação existe nem sempre é fácil. Vivemos num tempo de grandes mudanças comportamentais — e muitos avanços nas relações sociais. Turmas separadas por sexo são coisa do passado. Mas o que fazer quando os próprios alunos promovem uma separação por sexo?

Acredito que o trabalho é do dia a dia, a longo prazo e coaduno com Saraiva (1999), quando declara que:

*“o desenvolvimento de aulas mistas em que surjam situações-problema para a discussão das diferenças de cunho sócio-cultural e biológico entre meninos e meninas na prática de atividades físicas é uma rica possibilidade para se trabalhar com esta temática”.*

Venho observando os frutos de um trabalho co-educativo, ao trabalhar no Centro Integrado de Educação Pública Roquete Pinto alguns conteúdos da cultura do movimento humano permeados pela temática co-educação.

Um exemplo é o conteúdo futebol em aulas mistas, quando surgem sempre diversas situações. Para os garotos, o futebol aparece como um demarcador das masculinidades, estabelecendo hierarquias; no que se refere às garotas, a prática do futebol aparece como uma ameaça à constante tentativa de "feminização" das garotas. Por isso, no início havia uma tendência de exclusão das meninas nas atividades, mas com o tempo e com as discussões em aula, demos lugar a cooperação entre meninos e meninas na execução das atividades propostas.

O sexismo também foi constatado entre as meninas, que justificavam a não adesão às aulas práticas por acharem que a capoeira pode ser praticada pelos meninos com maior liberdade, em função das diferenças anatômicas - segundo elas, os seios atrapalham a realização dos diferentes movimentos. Outra barreira vencida, após as discussões sobre a participação das mulheres na capoeira.

A auto-exclusão também foi notada entre os meninos, que se recusavam a fazer a aula de dança de salão, conteúdo proposto para o terceiro bimestre de 2002, com as turmas de oitava série. Ao longo do bimestre, eles foram se dando oportunidade de experimentar uma atividade nova e em contato corporal mais direto

---

intenções socioculturais, ver: Souza de Oliveira e Devede, 2001.

com as meninas. Ao final do bimestre montamos uma coreografia de samba de salão e apresentamos para a comunidade escolar.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considero necessário que os conteúdos abordados nas aulas de educação física desconstruam a crença da aula essencialmente prática. Entendo que a consolidação desta disciplina no currículo escolar perpassa pela viabilidade e visibilidade dos conteúdos da cultura corporal atravessados por temas de estudo, como os que citei neste ensaio, enfatizando é claro, a abordagem da temática da co-educação, desenvolvidos com os alunos nos diferentes ciclos da educação básica, através de uma abordagem simultânea e de uma seqüência que possibilite a vivência de todos estes temas em cada um dos ciclos de ensino, num grau de complexidade e aprofundamento cada vez maiores, à medida que vão sendo debatidos e ampliados ao longo dos anos escolares.

Dessa forma, a partir das vivências e significações dos alunos nas aulas de Educação Física, busca-se questionar o papel da mesma como um espaço que pode, e deve, contribuir para transformação das relações sociais que levem a superação das desigualdades surgidas da hierarquização dos diferentes sexos.

Acredito que a acessibilidade deve ser compreendida como direito inalienável do ser humano de ocupar espaços efetivos de participação na sociedade, sem que para isso precise negar a si mesmo – o ser negro, branco, homo/heterossexual, surdo, cego, mulher, criança, velho.

Mudar de comportamento e adotar uma postura comprometida com a difusão da igualdade e do respeito à diferença é mais fácil do que pode parecer à primeira vista. Basta querer. No dia-a-dia, devemos refletir e compartilhar opiniões com os colegas e com os alunos. Todos só temos a ganhar.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992

FARIA JÚNIOR, A.G. de. *Educação Física, desporto e promoção da saúde*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1991.

LOURO, GUACIRA LOPES LOURO. *Gênero, Sexualidade e Educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MELO, A.M. *Jogos populares infantis como recurso pedagógico da educação física escolar de de 1º grau no Brasil*. Rio de Janeiro, 1985. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal do Rio de Janeiro

MARCELLINO, N.C. *Lazer e Humanização*. São Paulo: Papyrus, 1995.

MOTA, J.A. escola, a educação física e a educação da saúde. *Revista Horizonte*. 8(48): 208-212, 1992.

SOUZA DE OLIVEIRA, G.A.; DEVIDE, F.P. Proposta Temática para educação física escolar no ensino fundamental: um relato de experiência. *Motus Corporis*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho. 8(2): 80-86, 2001.

SARAIVA, M.C. *Co-educação física e esportes: quando a diferença é mito*. Ijuí: Unijui, 1999.